



## POLÍTICAS DE TURISMO E LAZER NA PAN AMAZÔNIA

### CHIRRADA, PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA E LAZER – DO ESPIAR<sup>1</sup> AO ABICORAR<sup>2</sup> - COM AS CRIANÇAS NO CONTEXTO MARAJOARA

Patrícia do Socorro Chaves de Araújo<sup>3</sup>  
Luiza Fraga Tostes<sup>4</sup>

#### INTRODUÇÃO

O termo “chirrada” é um conceito em construção que se refere a um conjunto de saberes das águas, sendo expressos nas culturas infantis de movimento, os quais são tangenciados por uma travessia sócio-histórica por parte de sujeitos com seus modos de viver e estar no espaço-tempo dos rios, furos, igarapés; de matas, enquanto expressões materiais e simbólicas. Assim, o termo situa-se a partir das relações identitárias de uma realidade na dinâmica amazônica, que ocorre a partir dos corpos brincantes nas águas, ou seja:

O rio é a rua, e o quintal é o espaço da interlocução de vivências de uma geração que brinca de nadar no rio, subir na árvore, pular da ponte no rio, [...]. Traduzem, afirmam e recriam formas culturais por meio da linguagem, aliás, expressam pela oralidade todo o conhecimento e sabedoria que aprendem desde cedo. (POJO; VILHENA, 2013, p. 143)

Em um plano mais identitário, o termo sinaliza também um modo de vida que valida uma territorialidade de povos tradicionais em terras amazônicas, os quais simbolizam e

---

<sup>1</sup>Espiar é um modo de falar do lugar. Traz o significado de apreciar as coisas nas entrelinhas, o dar atenção, o olhar à espreita, o deleitar-se no tempo sem pressa. Em analogia com os estudos de Loureiro (2015). O verbo espisar pode significar leituras de mundo, já que na condição de “caboclo amazônico, na sua jornada diária, seja na caça, na pesca, nas viagens, vive a doçura obcecante do olhar”. O espisar é fonte de observação (LOUREIRO, 2015, p.147).

<sup>2</sup>Conforme o Glossário de termos e expressões paraenses e marajoaras, significa: “. Ficar por perto, observar. Também usado por quem joga bola de gude (peteca) estratégia para ficar perto da peteca do adversário. (LADISLAU et all, 2021, p. 7)

<sup>3</sup>Doutoranda no Programa Associado UEM/UEL de Pós-Graduação em Educação Física. Membro do GEL - Grupo de Estudos do Lazer E-mail: patriciadaraujo@hotmail.com

<sup>4</sup>Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo. Membro do Naif-. Apoio financeiro FAPES 013/2021.E –mail: lufragatostes@gmail.com

cultivam suas interações, deslocamento, vivências, saberes, a fim de manter suas identidades e cosmovisões, tal qual buscamos situar aqui as construções das crianças e suas infâncias.

Essas construções são expressas pelas crianças através das Práticas Corporais de Aventura na água, considerando o protagonismo infantil, ou seja, as crianças construtores e agentes de suas próprias práticas, importantes na sociedade, pois são capazes de transformar e reinventar o mundo em que vivem. Essas práticas têm impacto diretamente na comunidade, pois faz parte da cultura e do turismo local sendo a água o lugar de lazer das crianças em seu cotidiano.

Tratar sobre lazer com criança na Amazônia, é ter compreensão dos desafios que esta região apresenta para as políticas públicas, entendendo que o lazer, como dimensão da cultura é uma construção social, que se relaciona a partir de quatro pontos: o espaço lugar, as manifestações culturais, as ações ou atitudes fundamentadas no lúdico e o tempo” (RIBEIRO et al, 2021), assim, precisamos olhar as crianças, como sujeito de direitos, como representantes da cultura, de modos particulares de ser criança e expressão de diferentes infâncias.

Apesar de nosso país ter integrado à Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, ratificada pelo Congresso Nacional, em 13 de julho de 1990, a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no artigo 4º e no inciso IV do artigo 16º, são direitos da criança e do adolescente poder brincar e se divertir, e dever da família, da sociedade em geral e do poder público tornar esse direito realidade, no entanto, muitas vezes, o direito ao lazer e à cultura são deixados em segundo plano e perdem lugar na garantia dos direitos infanto-juvenis.

Percebemos a lacuna no reconhecimento de diferentes vozes presentes no campo da pesquisa ‘com crianças’ (com orientação teórica no campo da Sociologia da Infância e da Sociologia do Cotidiano) em espaços não formais (região do Marajó), focalizando a questão de participação e voz das crianças. Lembrando que, no caso das crianças - em especial as pequenas -, essa voz não é nem só nem necessariamente verbal, devendo o pesquisador se abrir para a escuta e a observação das suas diversas formas de expressão (SARMENTO, 2007).

## PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Trata-se de uma etnografia sensorial (MITCHELL, 2011), como possibilidade de construção de novos meios metodológicos e tecnológicos para captar formas de

expressividade das crianças. O estudo nasce na disciplina Prática Corporal de Aventura e Infância<sup>5</sup>apresenta uma investigação que previu formas de participação alternativas das crianças, envolvendo fotografias, sons e falas, visando captar a prática sócio cultural das crianças, considerando a participação das crianças na pesquisa e ouvir o que elas têm a dizer sobre seus modos de pensar e agir. Considerando o Marajó como lócus da pesquisa, buscamos identificar os múltiplos locais de observação e participação para compreender o fio condutor da investigação.

Este método requer que o investigador entre, seja aceito e participe nas vidas daqueles que estuda. Neste sentido, a etnografia implica, por assim dizer, ‘tornar-se nativo’. Estou convencido de que as crianças têm as suas próprias culturas e eu sempre quis tornar-me parte de e documentá-las. Para fazer isso eu precisei entrar nas vidas quotidianas das crianças - para ser uma das crianças o melhor que pudesse (CORSARO, 2005, p. 446)

Desta forma, as imagens e falas analisadas são com as crianças e não sobre as crianças, considerando serem as mesmas sujeitos das investigações, que dialogam com os pesquisadores e apresentam suas percepções de vida e de mundo. Aqui identificados C1, C2, C3, C4, C5, C6, C7.

Participaram desse processo, sete crianças, com idades entre seis a 11 anos. Os dados foram produzidos por meio da observação participante e registrados em diário de campo, iniciada no segundo semestre de 2020, a presente pesquisa situa-se em contextos diferentes da região do Marajó<sup>6</sup>, tomando como recorte o município cujo o município de Melgaço<sup>7</sup> no Pará,

## BRINCAR NAS ÁGUAS: O CONTEXTO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

Situada a pesquisa basicamente pelo cotidiano das águas, uma criança, faz o convite: *Vamos brincar lá perto da travessia (C4)*, olho e entendo que a travessia se refere no meio do rio, e as outras crianças seguem o convite para interagir com brincadeiras que acontece em meio ao curso d’água próximo ao trapiche. Paro e observo que se deslocam para um tronco de árvore no meio do rio de lá, iniciam um brincar coletivo, subindo e saltando.

---

<sup>5</sup>Disciplina ministrada na parceria entre Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade Estadual de Maringá (UEM). Tendo como ministrantes os Professores Giuliano Gomes de Assis Pimentel e André Mello coordenadores respectivamente dos grupos de pesquisa NAIF e GEL, os quais agradecemos as reflexões, gratificante processo na nossa formação e orientações.

<sup>6</sup>O território do arquipélago do Marajó, com 104 606,90 quilômetros quadrados, é dividido em dezesseis municípios, no estado do Pará.

<sup>7</sup>Melgaço (Pa), encontra-se situado no Arquipélago do Marajó, tem uma população estimada em 2020 de 27890 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De onde observo, as crianças, para vivenciarem suas criações lúdicas e regras nos brincares, estabelecem relações diretas com a natureza, perpassam pelas interações vividas entre elas, numa perspectiva de trocas e de convivências consigo, com o outro e com o meio. Escuto: *Ei é chirrada?* (C3). Me chama atenção a expressão chirrada e me arrisco, porém antes surgem pensamentos: Deixo a bolsa aqui na areia? Levo o celular? É muito fundo? Tem arraia? (Interrogações de alguém que mesmo amazônida, percebe alguns riscos),. Entro de calça legue, camisa, roupas nada adequadas e me aproximo do tronco da árvore. Oi, como é nome dessa brincadeira? Três saltam do tronco e dos galhos maiores como se quisessem me mostrar os malabarismos que nesse brincar se pode fazer. Apenas um responde. É chirrada (C4) eu logo faço outra pergunta e o que é chirrada? Um outro garoto surge do meu lado, vindo submerso e diz: É brincar aqui, é pira, e tem que pular e nadar também (C5). Um chega e diz para o (C5) peguei, é tu a mãe (C3). E ele responde: Não vale, tava falando aqui com a mulher (C5) e acho graça, e parece recomendar, pulos, subida no tronco e nado. As “vozes” das crianças sobre do que brincam perpassa claramente pelo olhar cultural delas mesmas, voltado ao que compreendem como o “espaço” de seus brincares.

Depois de um tempo quando parece ser um tempo de descanso, me permito ousar de novo a perguntar. Não dá para brincar na praça? Fica um silêncio por um minuto até que escuto qual praça? A praça da João 23 não tem brinquedo (C5); A praça da igreja tem; (C3) É mais não presta, é tudo quebrado (C1), pela primeira vez se expressa em palavras. Apesar da sociedade moderna considerar a infância como lugar privilegiado da brincadeira, observamos poucos debates realizados sobre, os espaços e a gestão do risco, lazer e a infância e políticas de acesso ao brincar.

Melgaço (Pa) apresenta duas praças citadas pelas crianças o que nos fez caminhar até as mesmas, entendendo que as praças públicas, são espaços que poderiam ser usados para as atividades de lazer e de socialização da população ao ar livre, entretanto, por vezes, as inadequações de seus projetos urbanísticos, a falta de manutenção, e outros processos sociais envolvidos não são compatíveis e favoráveis ao cumprimento de suas reais funções. E nesse processo as crianças e brincar acabam sendo esquecidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses breves relatos, percebemos como as práticas corporais de aventura na água fazem parte do lazer e do cotidiano dessas crianças, mostrando as diversidades socioculturais da região, onde a criança tem voz ativa expressas no brincar. Podemos identificar, por meio

de diferentes processos comunicativos, e de uma escuta sensível para as linguagens das crianças, expressas de diversas maneiras, novas possibilidades de políticas públicas de lazer na Amazônia.

Nesta perspectiva, a concepção de criança e infância é social e histórica, sendo as crianças vistas como sujeitos socioculturais, que enfatiza a importância de estudos a par da interface do brincar e das práticas corporais de aventura e lazer na Amazônia. Assim se torna possível uma melhoria na gestão das políticas públicas de lazer a partir do olhar infantil que também é parte da comunidade.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 8.069/90, **Estatuto da Criança e do Adolescente**, de 13 de julho de 1990.  
CORSARO, William. **Entrada no Campo, Aceitação e Natureza da Participação nos Estudos Etnográficos com Crianças Pequenas**. Educação e Sociedade. Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005

CORRÊA, Liciane; BADARÓ, Luiz Fernando; SOUZA, Juliano; PIMENTEL, Giuliano. Revista Humanidades & inovação. v. 7 n. 10 (2020): **A escolarização da Educação Física no Século XXI: desafios contemporâneos**. Disponível : <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2893>. Acesso: 14 de out. 2021.

LADISLAU, Claudiane da Silva; OLIVEIRA, Adriana Corrêa; GUEDES, Ana Célia Barbosa; **Glossário de expressões marajoaras**— Breves: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - campus Breves, 2021.

LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. 4ªed. Belém/PA: Cultural Brasil, 2015.

MITCHELL, Claudia. **Doing visual research**. London: Sage, 2011.

POJO, Eliana Campos; VILHENA, Maria de Nazaré. **Crianças ribeirinhas da Amazônia paraense**. In: SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (Org.). *Infâncias do campo*. Belo Horizonte: Autêntica editora, p. 135-148. (Coleção Caminhos da Educação no Campo)2013.

Ribeiro, S. presciliana, Coelho, L., Medina, A., Isayama, H., & Stoppa, E. (2021). **Lazer de crianças brasileiras: análise sobre o direito ao lazer**. *Interfaces Científicas - Humanas E Sociais*, 9(2), 71–86. Disponível : <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/9458> Acesso: Acesso: 14 de out. 2021.

SARMENTO, Manuel. **Visibilidade Social e Estudo da Infância**. In: SARMENTO, Manuel; VASCONCELLOS, Vera (Org.). *Infância (In)Visível*. Araraquara: Junqueira e Marin, P. 25-49.2007.

*Palavras-chave: Chirrada*1. *Criança*2. *Praticas Corporais de Aventura*3. *Lazer*4. *Amazônia*5.